ANÁLISE DA QUINZENA

Laranja e Suco: Mercado Interno e Perspectivas Internacionais

Num ano em que as cotações de três dos principais produtos de exportação - café, soja e cacau - despontam em alta, abrindo uma perspectiva otimista para o Balanço Comercial brasileiro, o suco concentrado de laranja contribui também para o quadro favorável do setor externo da nossa economia. As exportações de suco, que perfizeram US$ 100 milhões em 76, poderão até dobrar de valor, dependendo da real extensão dos danos causados pela geada ocorrida na Flórida.

Internamente, o curso dos acontecimentos - como por exemplo, o estabelecimento de um "holding" das principais indústrias, com pretensões monopsônicas, e as perspectivas de aviltamento do preço da matéria-prima a nível do citricultor - tem também marcado a presença da laranja como protagonista de lances importantes da política econômica no setor agrícola.

Embora o Brasil controle cerca de 80% do mercado mundial de suco concentrado de laranja, a participação percentual do produto nas exportações é pequena (cerca de 1% em 1976, devendo se aproximar de até 2% em 1977). Não obstante, a posição hegemônica do Brasil no mercado de suco e a importância do consumo "in natura" no mercado interno impõe a necessidade de uma grande atenção por parte dos setores públicos e privados envolvidos, aos problemas de produção e comercialização da laranja.

Antes de analisarmos a situação atual do mercado, convém apresentar um breve retrospecto do papel da citricultura no país.

De exportador importante de laranja "in natura" (4º lugar em 1955), o Brasil passou para um plano secundário, com a entrada de novos produtores no mercado internacional (Israel e África do Sul), cujo produto atendia melhor às exigências do consumidor europeu. Esta situação perdurou até a década de 60 quando, em virtude das geadas de 1963 na Flórida, o Brasil voltou a assumir importância

no mercado internacional,não mais como exportador de frutas "in natura", e sim, de suco concentrado de laranja. Já em 1968, passou a ser o primeiro exportador mundial de suco (30.096 ton, no valor de US$... 11,6 milhões).

O suporte para essa investida no plano internacional foi a implantação simultânea de uma infra-estrutura agroindustrial em São Paulo, como resposta às condições favoráveis de mercado e aos incentivos econômicos oficiais. No período 1962/70, a área de cultivo do estado foi aumentada em 2,5 vezes e a capacidade industrial de extração de suco foi quintuplicada, passando de 3,6 milhões de caixas em 1965 para 20 milhões de caixas em 1970.

Na primeira metade da década de 60, o processo evolutivo continuou com o mesmo ímpeto inicial. Nos anos 74 e 75 porém, o complexo agroindustrial de laranja viveu séria crise econômico-financeira, reflexo das medidas restritivas às exportações dos países europeus que tentavam neutralizar o desequilíbrio provocado pela alta do petróleo. Duas das principais indústrias tiveram suas atividades interrompidas na época: Citrobrasil, de Bebedouro (insolvência) e Citrosuco Paulista, de Matão (punida com suspensão). A primeira,depois de longas negociações, foi adquirida pelo Governo do Estado.

A nível do produtor, ainda em 74/75, os preços aviltados e a interrupção da moagem resultaram em abandono parcial das culturas, por não compensarem as despesas com tratos culturais e aplicação de insumos. Além disso, projetos de novos plantios foram interrompidos e em algumas áreas - Taquaritinga e Araraquara - houve substituição da citricultura por cana.

Os anos seguintes (1976 e início de 1977) têm sido marcados pelas negociações no sentido de recompor o parque industrial em termos empresariais e financeiros. Esse processo culminou com a aquisição da Citrobrasil de Bebedouro pela Cargill Agrícola S/A (Cargill Corporation - USA) e pela compra, por parte da Citrosuco Paulista e Sucocítrico Cutrale, das companhias Sucorrico, Citral e Tropisuco. Com esta recomposição, o novo conglomerado liderado pela Citrosuco Paulista e Sucocítrico Cutrale passou a controlar 85% da capacidade instalada, ficando os 15% restantes para a Cargill e Frutesp.

Hoje, o Brasil detém a posição de 2º produtor mundial de laranja (vide Notas Estatísticas) e, além disso, é o maior exportador de sucos. O consumo interno brasileiro de sucos é muito reduzido, ao contrário do que acontece nos EUA - onde quase toda a produção é consumida no próprio pais, sobrando uma pequena parcela para exportação.

Para 1977, a estimativa da safra paulista é de 80 a 85 milhões de caixas, cerca de 5% menor do que a produção anterior. Dessa produção, cerca de 1 a 2 milhões de caixas destinam-se à exportação "in natura"; aproximadamente 10 a 15 milhões de caixas ao consumo interno (que é suprido também pela produção de outros estados citrícolas); restando 65 milhões de caixas destinadas à industrialização.

Com a ocorrência da geada na Flórida e a imediata duplicação do preço, o ano de 1977 estimulou o otimismo dos industriais, para quem a conquista do mercado externo não foi feita sem um certo sacrifício em termos de ganhos, até então. Essa expectativa otimista é referendada pela previsão de quebra de safra no Japão (excesso de frio), Israel e Espanha (reflexo da seca de 1975). Acrescente-se, ainda, que os altos estoques americanos deverão ser destinados ao imediato suprimento interno, face à quebra do rendimento industrial de 11% das frutas da Flórida. Assim, a perspectiva é de que a exportação atinja 220.000 ton de suco a um preço médio um pouco acima de US$ 800/ton, que toma por base a estabilização dos preços numa faixa de 80 cents/libra-peso.

No plano interno, porém, há um clima de apreensão por parte dos citricultores, com a formação do cartel industrial dirigido pelo Citrosuco e Cutrale (que detêm, ainda, o controle acionário da empresa "holding" - Sucorico - e esta, por sua vez, controla duas outras empresas do setor). O cartel poderá atuar como um fator de depressão de preços, porque as duas empresas não cartelizadas - Cargill e Frutesp - não constituem suficiente alternativa de escoamento da produção. Acrescente-se, ainda, que a Frutesp, por cláusula estatutária, é obrigada a acompanhar os preços de mercado. De tudo isso, pode-se depreender que, na realidade, os produtores se defrontam com um mercado oligopsônico, cujo equilíbrio depende da ação reguladora do governo.

A situação atual dos citricultores constitui,pois, uma reviravolta completa sobre o apogeu vivido até 1974. Naquela época, 90% da compra da produção era feita a preços elevados, na base de "pomares fechados", antes mesmo do desenvolvimento dos frutos. Nessas condições, as indústrias participavam intensamente dos riscos de produção. Dentro do esquema atual, os industriais pretendem que as compras sejam feitas quando a fruta esteja em condições de ser colhida, falando-se, inclusive, em condicionar o pagamento ao rendimento industrial da produção.

Contra o possível exercício de força do cartel industrial, os citricultores apelaram recentemente à intervenção equilibradora do governo. Neste mercado, em particular, as autoridades têm amplo poder de regulação através da CACEX, que detém o controle das exportações de suco. De nada adianta à indústria aviltar o preço pago aos citricultores se o governo, em retaliação a essa prática oligopsonística, embargar os registros de exportação. Com efeito, na reunião do Comitê de Exportação de Sucos Cítricos realizada no dia 14/4,a CACEX obteve êxito em conseguir um consenso sobre o preço de Cr$ 28,00 por caixa, fixado equidistantemente entre os interesses dos produtores (Cr$ 33,00) e dos industriais (Cr$ 22,00).

No plano internacional, ao analisarmos os preços internacionais (deflacionados) do suco de laranja, observamos uma tendência baixista a partir de 1972 (vide Notas Estatísticas). A verdade é que antes de o Brasil entrar maciçamente no mercado, havia uma certa estabilidade dos preços em torno de US$ 0,70 a 0,75/lb-peso.Nos últimos três anos o preço oscilou em torno de US$ 0,55/lb-peso.Obviamente, os fortes aumentos da exportação brasileira contribuíram para a tendência declinante dos preços nos últimos anos.

Nas condições atuais, o Brasil deve pois, moderar a expansão do parque agroindustrial citrícola, condicionando-o ao crescimento da demanda mundial.

A cartelização industrial, se por um lado é desfavorável aos citricultores, por outro lado é benéfica para a consolidação efetiva do monopólio no mercado mundial podendo, assim,o Brasil

exercer mais fortemente o controle de preços a nível mundial. As taxas de crescimento deste mercado são elevadas, possibilitando a expansão da nossa produção.

Fora de dúvida que os preços não podem ser excessivamente altos, para evitar entrada de substitutos (outros sucos ou frutas "in natura") ou, ainda, outros concorrentes industriais. A conquista e ampliação de mercados deve ser uma preocupação constante, procurando-se, sempre que possível, neutralizar a presença de atravessadores, cujo exemplo típico é a Holanda, que atua no mercado europeu vendendo a preço "teoricamente" mais barato um tipo de suco mais diluído. A homogeneização do suco através de um "blending" especial que atenda às exigências dos consumidores externos poderá constituir-se em boa tática mercadológica.

A exportação do produto acondicionado em latas para consumo direto esbarra nos custos proibitivos de nosso parque de embalagem. Contudo, o fato de que o suco congelado brasileiro (65º Brix) é mais concentrado do que os concorrentes (45º Brix) pode ser explorado como fator de redução de custos de transportes e de embalagem.

A alternativa de se instalar entrepostos nos países importadores, para venda direta do nosso suco em embalagem de consumo é impedida por leis protecionistas. A nossa grande capacidade de armazenagem (40 a 50% da produção) constitui, porém, inestimável trunfo no jogo da comercialização externa pela nossa ampla margem de pronta disponibilidade de entrega.

O nosso principal comprador é a CEE, cujo mercado deve ser totalmente conquistado, já que o suco brasileiro é mais barato do que o americano. A importação americana em regime de "draw-back" nos interessa pouco. O mercado de destino das re-exportações americanas é que deve ser objeto de nossa acirrada concorrência.

Ponto adicional de destaque, que não se pode deixar de mencionar é a venda de 260.000 ton de ração, sob a forma de "pellets" do bagaço de laranja, ao preço US$ 100,00/ton, que o nosso

parque industrial de sucos cítricos fabricará em 1977.

Ainda em referência ao suporte básico para manutenção da posição brasileira no mercado internacional, do lado da produção de laranja, se analisarmos a relação "valor recebido/despesas diretas" do produto ao nível do produtor, verificamos que esta relação foi de 214% no período 67/68, evoluindo para 301% no período seguinte (de altos lucros) e, nos três últimos anos caiu para apenas 149%. Essa corrosão nos ganhos advindo dos preços aviltados repercute negativamente sobre o estado da conservação de pomares, induzindo maior susceptibilidade a pragas e doencas e, obviamente, menor produtividade e maior depreciação qualitativa do produto. Daí, a necessidade de se criar um Fundo com recursos provenientes de uma parcela do lucro das exportações, que seria movimentado em situações desfavoráveis do mercado, e serviria também para canalizar recursos para a orientação do plantio em função da demanda internacional, evitando-se a oferta excessiva e, consequentemente, o aviltamento de preços.

Um outro aspecto que deve ser destacado pela sua extrema importância, é o aprimoramento tecnológico da cultura a fim de se vencer a batalha da eficiência na produção. Verdade notoriamente conhecida é que a produtividade brasileira vem caindo nos últimos anos pelas razões apontadas, regredindo a menos da metade do rendimento físico da Flórida, quando se sabe que as condições ecológicas (solo e clima) paulistas são bem mais favoráveis. Assim, para a preservação da nossa invejável posição no mercado, é vital o rebaixamento dos custos, através do desenvolvimento tecnológico da cultura. Neste sentido, se uma parte do Fundo fosse destinado ao fortalecimento das atividades de pesquisa, estaríamos preenchendo uma das principais lacunas do setor.

As idéias e sugestões aventadas acima não se revestem de nenhum ineditismo e, por sinal, vêm de encontro ao pensamento da associação de classe dos citricultores que, no caso específico do cancro cítrico, sente a necessidade, de estirpar de modo definitivo o mal, antes que atinja a área nobre da citricultura - Bebedouro, Araraquara, Limeira. Somente dessa forma, pela ação conjugada das partes interessadas, a guerra contra o cancro cítrico, que vem se arrastando por mais de 15 anos, poderá ser finalmente vencida.

*****
****
***
**
*